B O C A G I A N A

Museu Municipal do Funchal

Madeira 10.IV.1985 No. 84

PEQUENO APONTAMENTO HISTÓRICO SOBRE A CAÇA DAS CAGARRAS NA SELVAGEM GRANDE E DESENVOLVIMENTOS RECENTES NESTA ILHA

Por P. A. ZINO [1]

(Versão Portuguesa)

Com 5 figuras

As Ilhas Selvagens foram até 1971 propriedade privada. Contudo, quando o proprietário pessoalmente não explorava os juvenis da Cagarra *Calonectris diomedea borealis*, que nidifica em vasto número na Selvagem Grande, a maior das ilhas do grupo, a única maneira que ele tinha para obter algum proveito destas ilhas era arrendar os direitos de caça a terceiros.

Esta caçada anual tinha lugar há já inúmeros anos por quanto Berthelot em 1841 e Bolle em 1857 ambos afirmaram que uma captura de 30.000 aves num ano era então considerada uma boa «caçada» (Bannerman, 1963 Birds of the Atlantic Islands, Vol. 1, p. 15). Isto implica que esta prática tinha lugar já muito antes de 1841. As aves jovens eram então salgadas e trazidas para o Funchal e vendidas principalmente aos habitantes de Santa Cruz, Machico e Caniço e também noutras localidades, onde eram muito apreciadas no Outono como mudança no regime alimentar normal.

Esta matança anual de juvenis continuou ininterruptamente sem provocar qualquer efeito aparente no efectivo total da colónia de cagarras. Os juvenis sobreviventes que escapavam aos caçadores eram sempre suficientes, em número, para repôr os adultos mortos de causas naturais.

---

(1) *Quinta da Vista Alegre, Rua Dr. Pita 5, 9000 Funchal, Madeira.*

Este equilíbrio continuou por muitos anos mas com o advento dos barcos de pesca a motor e consequentemente com a maior facilidade em chegar às Selvagens, que ficam a 160 milhas a Sul da Madeira, a captura anual de juvenis em Setembro e Outubro por parte dos legais detentores dos direitos de caça começou a diminuir. Isto deveu-se aos barcos de pesca que visitando a ilha durante todos os meses de Verão ilegalmente capturavam, primeiro juvenis e depois aves adultas, antes da expedição anual chegar às ilhas.

Após um constante declínio no número de juvenis capturados durante estas expedições anuais, a situação em 1967 atingiu proporções desastrosas tendo sido capturados neste ano somente cerca de 13.000 aves. Os últimos detentores dos direitos de caça eram Simplício dos Passos Gouveia e Rufino Menezes, os quais estavam tão preocupados quanto ao futuro da colónia que permitiram o arrendamento dos direitos de caça a uma terceira parte por um período de 3 a 6 anos. O objectivo disto era parar a matança durante estes anos e tentar que o efectivo da colónia voltasse ao seu número anterior.

O dono da ilha permitiu também que o novo arrendatário construisse uma casa na Selvagem Grande e ficou acordado entre todas as partes que ao fim de um período de 3 a 6 anos os direitos de caça seriam devolvidos aos seus antigos detentores.

A última expedição à Selvagem Grande para a matança de juvenis de Cagarra deixou a Madeira em 15 de Setembro de 1967. O barco local «Milano», que transportou esta última expedição de caça, também levou homens e material para a construção da casa que serviria de base para o novo arrendatário e seus amigos ornitólogos estudarem as aves marinhas que nidificam nestas ilhas e ao mesmo tempo tentar evitar que elas fossem capturadas (Figs. 1 e 2).

Um programa de anilhagem iniciou-se em 1968 e continuou pelos anos subsequentes, tendo servido de base para o estudo da biologia das Cagarras, até à data. Cerca de 2500 juvenis são anilhados anualmente. O transporte é fornecido pela Marinha de Guerra Portuguesa.

Em 1971 o World Wildlife Fund propôs-se adquirir as ilhas ao seu proprietário, Sr. Luiz da Rocha Machado, com o fim de lá instalar uma reserva natural.

Embora tivesse havido acordo entre as duas partes, o Governo Português interveio tendo optado ele próprio pela compra das ilhas o que se efectivou em 17 de Julho de 1971 e através Decreto-Lei n.º 458/71 de 29 de Outubro tornou-as reserva integral. Na mesma altura o Governo, da mesma forma como tinha sido acordado entre o proprietário e o World Wildlife Fund, fez uma excepção quanto à casa, que recentemente tinha sido construída, e quanto à furna e à cisterna que foram reconhecidas propriedade privada da terceira parte e arendatária na altura da venda.

Embora as autoridades navais, em colaboração com esforços particulares, apoiados na nova legislação, tentassem controlar a captura de

aves marinhas nestas ilhas, estas medidas protectivas não eram eficazes. Os pescadores continuaram as sortidas ilegais às ilhas as quais culminaram em 1976 com um massacre de muitos milhares de aves adultas e juvenis. Durante uma pesquisa de 3 dias feita por 2 membros do CEMPA (Centro de Estudos de Migrações e Protecção das Aves) somente 64 juvenis vivos foram contados na ilha inteira no final de Setembro. Os pescadores tinham também saqueado completamente a casa deixando de pé somente as paredes e o tecto. O Governo mandou imediatamente uma equipa de televisão para a Selvagem Grande para filmar o resultado deste massacre e o filme quando foi exibido não só chamou à atenção para a existência desta Reserva Natural como também chocou a opinião pública.

O Serviço Nacional de Parques e Reservas em Lisboa, conjuntamente com o Governo da Região Autónoma da Madeira, decidiram então manter guardas na Selvagem Grande durante os meses em que as Cagarras estavam presentes na ilha. Foi construída uma casa para os guardas, baseada nas ruínas de um velho armazém que então ali existiu e recentemente outra casa para os cientistas visitantes foi construída pelo Governo Regional da Madeira, anexa à casa dos guardas. Paineis solares fotovoltáicos foram com sucesso ali instalados quer para iluminação destas duas casas quer para alimentação das baterias do rádio transmissor/ /receptor (Fig. 3). As comunicações marítimas, que são da maior vitalidade, são regular e eficientemente mantidas pela Marinha de Guerra e actualmente estão guardas na Selvagem Grande durante o ano inteiro. O Governo Regional continua a dar a esta Reserva todo o seu apoio bem como o Serviço Nacional de Parques e Reservas de Lisboa.

Tem sido mostrado interesse internacional nesta Reserva Natural e muitos cientistas quer de Portugal quer doutros países têm feito estudos sobre as aves marinhas nestas ilhas, resultando na publicação de muitos interessantes e importantes artigos sobre este assunto.

A caçada anual, como se disse, terminou em 1967, mas pouco era conhecido acerca dos métodos empregues durante esta operação há cem anos atrás. Recentemente, a nossa atenção foi chamada para um artigo escrito em 1893 e publicado em alemão pelo Padre Ernesto Schmitz (Fig. 4) que foi director do Seminário do Funchal e eminente ornitólogo, entitulado «A caça das Cagarras nas ilhas Selvagens em 1892» (Ornithologisches Jahrbuch, Julho-Agosto 1893).

Uma vez que este trabalho é de interesse para a Reserva Natural das Selvagens, para os ornitólogos e para o público em geral, pensou-se valer a pena reeditá-lo traduzido em Inglês e Português, o que é agora feito. Como nota, pode ser de interesse acrescentar que, o chefe dos Guardas nas Selvagens, Fernando Almada, tomou parte nas últimas caçadas de cagarras e que as descrições feitas por ele das matanças em que tomou parte variam apenas em pequenos pormenores em relação à descrição feita pelo Padre Ernesto Schmitz, 93 anos atrás.

Simplício dos Passos Gouveia, que esteve presente nas ilhas e

encarregado de várias destas caçadas, leu recentemente o artigo do Padre Schmitz e confirma a semelhança dos métodos usados em 1892 com os usados pelo grupo dele nos anos 50 e 60 (Fig. 5). É de notar que enquanto que em 1892 era o proprietário das ilhas que pessoalmente organizava e liderava a expedição, em tempos recentes, os direitos de caça eram arrendados por períodos renováveis de 3 anos.

É de realçar que no tempo do Padre Schmitz pensava-se que o período de incubação da cagarra era de cerca de 4 semanas. Hoje sabe-se que esse período é de facto cerca de 54 dias. (Zino, 1971. *Ibis*, 1131 : 212-217).

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DO RELATO DO PADRE ERNESTO SCHMITZ DA CAÇA ÀS CAGARRAS EM 1892 (veja p. 3)

Pela maior parte dos detalhes da descrição desta última caçada, tenho de agradecer ao Sr. Constantino Cabral de Noronha, que é o proprietário das Ilhas Selvagens e também líder desta expedição.

O Sr. Cabral de Noronha embarcou no dia 12 de Setembro de 1892 no iate «Hannibal» o qual foi fretado especialmente para este propósito. O número de caçadores de cagarras que, mediante o pagamento de uma certa quantia, o Sr. Constantino levou com ele, totalizavam 19, a maior parte deles das freguesias de S. Gonçalo e Caniço, perto do Funchal. Estes homens eram pessoas que através da experiência ganha em expedições anteriores tinham adquirido uma certa habilidade para este trabalho. Os preparativos para a expedição i.e. procura, escolha e contratação dos caçadores, obtenção de mantimentos para mês e meio a 2 meses, obtenção de barris, cestos e embalagens, etc. para armazenamento dos produtos da caça, era um processo lento implicando muito trabalho.

Embora as Selvagens estejam só a 150 milhas de distância da Madeira e quase numa linha recta a partir da Madeira até Tenerife, esta viagem, devido ao tempo excepcionalmente calmo, levou 4 a 5 dias, enquanto que com ventos favoráveis noutros anos levou apenas 24 horas.

Como é sabido, as Selvagens são desabitadas e formam 2 grupos; um a Leste consistindo na maior (Selvagem Grande) a qual tem quase 3 quilómetros de comprimento por 2 de largura e outro grupo, 7 milhas para Oeste, consistindo em 2 ilhas relativamente maiores e um número de ilhéus rochosos menores. A caçada tem lugar somente na Selvagem Grande, na costa sul da qual é mais fácil desembarcar. O dono mandou aqui construir um abrigo com a finalidade de abrigar os caçadores e também para o processamento das cagarras. Este ano, como em anteriores, o dono descobriu que a ilha tinha sido visitada por caçadores furtivos (pescadores das Canárias) os quais causaram consideráveis estragos devido à caça não autorizada de cagarras, cabras selvagens e coelhos e colheita de lapas na costa. Ele queixou-se acerca disto mais de uma vez ao Governo Português e pediu para serem apresentados protestos ao

Governo Espanhol ou ao Governador das Canárias mas até à data sem resultados. Ele espera agora levar o assunto até às Cortes através dum delegado da Madeira.

O leitor não deve pensar que a caça da cagarra é feita com pólvora e chumbo. Não, é um processo mais prosaico. Os caçadores têm de trepar as rochas escarpadas e os precipícios, por vezes arriscando as suas vidas e procurar em todos os buracos e fendas e puxar para fora os juvenis com as mãos descobertas. Sabemos que a Cagarra (nome que os madeirenses dão a *Puffinis kuhli*) produz apenas um juvenil tal como as outras aves deste grupo. Mesmo depois do juvenil estar completamente crescido, ele não desenvolve esforços para voar. Ele está tão gordo e pesado que permite que se lhe faça qualquer coisa. O caçador mata a ave com uma dentada na nuca e então deixa escorrer para um pequeno recipiente a substância oleosa contida no seu estômago. Quando este recipiente está cheio, o seu conteúdo é vasado para um recipiente maior. As aves adultas também se deixam apanhar sem oferecerem qualquer resistência, pois elas não receiam o homem; algumas vezes elas têm mesmo de ser afastadas do caminho com o pé.

As cagarras são empilhadas e depois depenadas e limpas [1]; a cabeça e as patas são cortadas e deitadas fora e a carne é salgada. O pescoço é separado e salgado muito cuidadosamente pois é considerado um petisco especialmente saboroso.

Espingarda, pólvora e chumbo são usados apenas para abater coelhos, os quais são encontrados em grande número. Estes são pelados na ocasião e a carne salgada da mesma maneira que a das cagarras.

Outra coisa que é rentável para os donos das ilhas é a grande quantidade de lapas comestíveis (*Patella lowei* d'Orb.) as quais se encontram em toda a parte da costa. Separados das suas cascas, estes moluscos são também salgados e armazenados em barris.

De acordo com a lista oficial na Alfândega do Funchal, a carga do «Hannibal», aguardando despacho no dia 9 de Outubro de 1892, consistia no seguinte: 85 barris de carne de cagarra e óleo, 17 fardos de penas, 8 barris e 24 latas de lapas, 29 caixas de outros tipos de moluscos conservados e 3 barris de coelhos.

O número de cagarras atingiu cerca de 19.400; este número teria sido ainda maior se não tivesse o iate, que entretanto tinha visitado as Canárias, regressado antes do previsto e por conseguinte antecipado o termo da expedição. Enquanto os caçadores não vêem possibilidade alguma de regressar à Madeira, eles mais facilmente superam as saudades de casa e sujeitam-se voluntariamente a este trabalho esgotante e laborioso. Contudo, no momento em que o barco que vai recolher a expedição aparece à vista, nada induzirá os homens a continuar o seu trabalho.

---

[1] Tiradas as vísceras (N. T.)

Noutros anos foram tiradas até 22.000 cagarras. Embora este ano o número fosse mais pequeno, a sua qualidade era da melhor.

Só muito raramente se encontra entre os milhares de cagarras um espécime completamente branco com o bico amarelo. O Sr. Constantino, que vai às Selvagens há mais de 40 anos, só se lembra de 3 ou 4 destes espécimes. Uma dessas aves que ele uma vez trouxe para casa consigo, domesticou-a completamente e manteve-a por muito tempo.

As cagarras salgadas, que sabem mais a peixe do que a carne, são compradas e comidas pelos que vivem no populoso concelho de Machico.

As penas são vendidas para Inglaterra para se fazerem colchões de penas, etc. Só uma pequena parte é usada na Madeira para se fazerem flores artificiais.

Os moluscos conservados encontram mercado principalmente na Guiana Britânica e nas Índias Ocidentais.

Segundo o Sr. Constantino Cabral de Noronha, para além de *Puffinus kuhli* Boie, nidificam nas Selvagens as seguintes aves: *Anthus bertheloti* Bolle, *Falco tinnunculus canariensis* KG, *Larus cachinnans* Pall., *Sterna hirundo* L., *Puffinus anglorum* Temm., *Thalassidroma leachi* Temm. e *Thalassidroma bulweri* Gould. Não é possível obter um conhecimento mais profundo das aves das Selvagens uma vez que este grupo de ilhas é visitado praticamente só em Setembro e Outubro. As ilhas são vulcânicas e quase totalmente basálticas excepto uma escassa camada de depósito calcário encontrada na ilha principal em quase toda a sua extensão. Este depósito contém moluscos fossilizados, espécies de *Cardium*, *Trochus* e *Patella*, *Nerita connectens*, *Fontannes*, *Nerita* aff. *galloprovinciales, Matheria* etc. e também numerosos bivalves. O museu episcopal do Funchal ([2]) tem uma pequena colecção destas. Além dos coelhos, que já mencionámos, existem também cabras selvagens na Selvagem Grande. Não existem árvores. Em anos anteriores, a Barrilha *(Mesembrianthemum crystallinum* L.) era um produto principal das ilhas. Estas plantas eram usadas para fazer soda e num ano 1600 quintais eram trazidas de lá. Da mesma forma a «Urzella» (*Rocella tinctoria* L. Orseille) tinha também um valor considerável.

As Selvagens foram descobertas pelos Portugueses, pouco depois de terem descoberto a Madeira embora devido à sua posição geográfica, fauna e flora elas mais depressa devessem ser incluídas nas Ilhas Canárias.

DETALHES SOBRE OS HÁBITOS DAS CAGARRAS E MÉTODOS USADOS PARA CAÇÁ-LAS

Nas Selvagens, as cagarras nidificam nos meses de Maio, Junho e Julho. Em fins de Maio a maior parte das aves puseram já o seu único ovo. O período de incubação demora mais ou menos 4 semanas. Muito antes de

---

([2]) Antigo Museu do Seminário (N. T.)

porem o seu ovo, as aves estão muito activas nos seus buracos, limpando-os. Para o seu ninho elas preferem um local coberto, uma fissura ou buraco nas rochas ou uma toca de coelho a um local descoberto; estes últimos locais são somente escolhidos quando não existem disponíveis nenhuns dos outros. Algumas aves colhem grande número de pequenas pedras as quais são empilhadas à entrada do ninho de forma a protegê-lo.

Ano após ano o casal de cagarras escolhe o mesmo ninho; caso outro casal jovem tentar ocupar este local começa uma luta que por vezes acaba com a morte do pretendente mais fraco. Macho e fêmea esfregam os seus bicos um no outro como fazem os pombos. Ao pôr-do-sol as cagarras, descansando em terra formam massas compactas mesmo nos caminhos e por vezes nem sequer se maçam para sair do caminho e têm de ser empurradas. (3)

Embora não tão numerosos como nas Selvagens, Desertas e Porto Santo, *Puffinus kuhli* nidifica também na Madeira; no museu episcopal do Funchal (4) existem ovos colhidos no Norte, Sul, Oeste e Leste da Ilha (Santana (5), Ponta do Sol, Ponta do Pargo e Caniçal).

Em algumas partes da ilha os ninhos estão tão próximos uns dos outros que, era possível pensar que as aves poderiam confundi-los em especial quando têm um juvenil; mas os juvenis permanecem sempre no seu ninho. Os pais sempre encontram os seus filhotes embora estejam circundados por muitos outros, todos parecendo exactamente iguais. Quando do seu regresso do mar, as cagarras não aterram imediatamente nem voam directamente para o seu ninho. Em vez disso elas voam em circulos. Uma vez no chão, elas apontam directamente para o seu ninho com grande rapidez, pescoço encolhido, cabeça para baixo e começam a dar de comer ao seu juvenil.

Nos seus ninhos as aves estão sempre prontas para se defenderem e devem ser capturadas com bastante cuidado; uma bicada do seu forte bico pode causar uma ferida desagradável mesmo numa mão calejada.

Na Selvagem Grande existe uma grande furna na qual 8 homens podem dormir. Uma vez que a sua entrada era bastante ampla, foi fechada ficando somente uma pequena porta. Mesmo no fundo da furna, existe um buraco na rocha onde existe um ninho desde tempos imemoriais. Todas as noites, depois dos homens estarem deitados, os pais vêm para alimentar o filhote; param por uns momentos na entrada, levantam as asas e correm por entre as pessoas ou melhor, por cima delas para atingirem o ninho; da mesma forma também saem.

---

(3) Especialmente à tardinha elas produzem uns sons, não muito diferentes de vozes humanas e por exemplo na Ponta do Sol, o povo da Madeira atribui palavras a estes sons como se se tratasse de marido e mulher a falarem um com o outro. Um diz: — «Olhe peixe, olhe peixe!» ao que o outro responde: — «Diga-me onde é!».

(4) Antigo Museu do Seminário (N. T.)

(5) «S. Anna» no texto original (N. T.)

Um dos homens que lá estava este ano, vem às Selvagens há 40 anos e quando ele foi pela primeira vez este ninho era já considerado como muito antigo. É costume poupar sempre o juvenil deste ninho.

Quanto ao método de caça, deve-se notar o seguinte: Os actuais caçadores são somente 7 mas cada um tem um assistente que o acompanha, uma espécie de batedor — «sacador». Estas 7 pessoas vão para uma certa área onde formam uma linha; eles estão armados com um «bicheiro», isto é, um pau com um gancho de ferro na ponta que é usado para puxar as cagarras para fora dos buracos e fissuras onde não chegam com a mão. Os caçadores, andando ou trepando aqui e ali entre os sacadores, agarram as cagarras firmemente pelo pescoço de modo a evitar as suas dolorosas bicadas e então com uma dentada no pescoço matam-nas imediatamente, da mesma maneira que os pescadores nesta região matam peixes de pequeno tamanho. Cada caçador transporta uma pequena lata sobre a qual segura a cagarra morta e imediatamente um fluxo de óleo sai do seu bico, «Brechöl», chamado localmente «vomitadura». Este fluxo aumenta aplicando uma certa pressão no corpo do animal e então, de modo a evitar um posterior corrimento de óleo, o esófago é enchido com penas que fazem de batoque.

Durante a caçada, 2 outros homens equipados com longos paus, andam por entre os caçadores, amarram as cagarras aos pares pelos bicos e penduram-nas nos paus. Estes são recebidos por 2 outros homens que ficam na beira da falésia e são então levados para o sítio onde se tiram as penas (peladeiro) o qual é escolhido de modo a ficar mais ou menos no centro da área da caçada e sempre que possível num sítio abrigado do vento. Mais tarde, os homens juntam-se em grupos de 3 ou 4; um homem de cada grupo segura então um grande saco à sua frente o qual é mantido aberto com um aro e fixado ao pescoço de modo que as penas podem facilmente ser atiradas para dentro. Quando este trabalho termina, as cagarras depenadas são divididas em partes iguais, penduradas numa corda e cada homem carrega uma parte até ao abrigo. Um homem carrega os sacos com as penas e outro um barril com água potável que segue os homens para toda a parte. Uma vez chegados ao abrigo, normalmente cerca da uma da tarde, almoçam mas pouco depois retomam o trabalho. As cagarras são lançadas para dentro de um caldeirão com água a ferver e cada uma é esfregada individualmente para ficar sem penas nenhumas. Uma vez isto feito, um dos homens toma o seu lugar no «picadeiro» e começa a cortar os pescoços e as patas, fazendo isto com um certo ritmo; só alguns homens têm a destreza de realizar este trabalho com eficiência. Entretanto os outros não estão parados; alguns escalam as aves e tiram-lhes as vísceras, outros rapam a gordura da pele e entranhas.

Uma vez este trabalho bem avançado, 6 homens começam a fazer o seguinte: 2 homens, usando uma agulha de madeira e um fio atam as aves aos molhos de modo a poderem limpá-las bem, mergulhando-as em água salgada; 2 outros salgam-nas, um leva-as para o abrigo-armazém e

outro conta-as e empilha-as.

Os pescoços são escaldados, salgados e empilhados e uma vez a caçada terminada, armazenados em barris.

A caçada das cagarras dura 20 dias consecutivos e começa à volta de 25 de Setembro.

O trabalho começa ao alvorecer e continua até ao anoitecer sem qualquer interrupção senão uma hora para a refeição a meio do dia. De facto este é um extenuante trabalho, para o qual são próprios somente homens com força e bastante resistência.

A gordura das cagarras é posta ao sol durante 3 a 4 dias e depois derretida. Quase toda ela se transforma em óleo; o que resta dá uma excelente isca e é guardado para os pescadores.

O chamado «Brechöl», ou vomitadura, permanece fluido; o óleo obtido da gordura espessa-se rapidamente e num lugar fresco torna-se sólido. Os pescoços, «Brechöl», fígados e uma parte da isca constituem parte da caçada e são deixados integralmente para os caçadores pelos donos das ilhas.

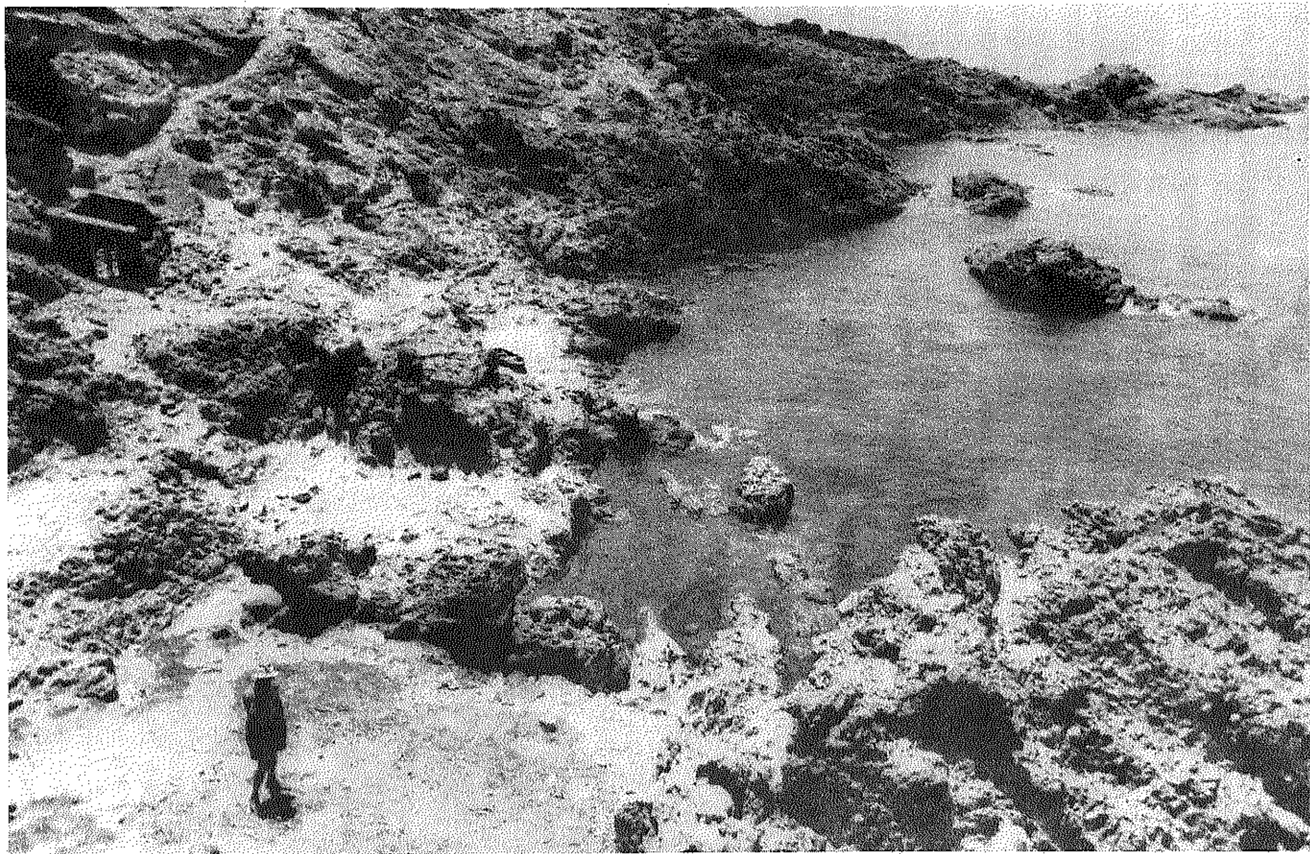


Fig. 1 — Baía das Cagarras. Em primeiro plano o local onde foi construída a primeira casa na Selvagem Grande. Em cima à esquerda as ruínas do velho armazém usado pelos caçadores e que mais tarde foi transformado na casa dos guardas e dos cientistas.

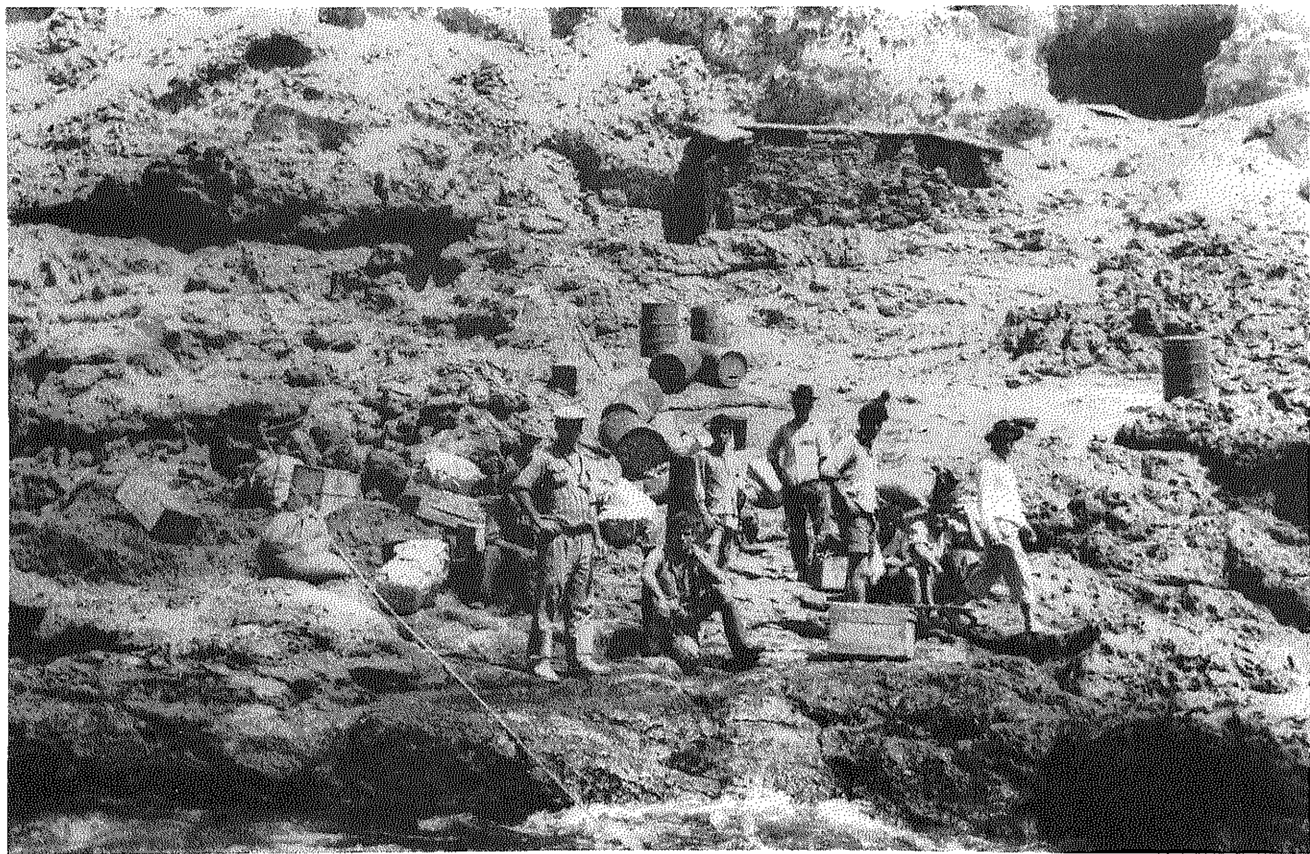


Fig. 2 — Trabalhadores desembarcando para a construção da primeira casa na Selvagem Grande. Em segundo plano o velho armazém.



Fig. 3 — Aspecto actual das casas dos guardas e dos cientistas, construídas pelo Governo Regional da Madeira, no local onde existiu o velho armazém.

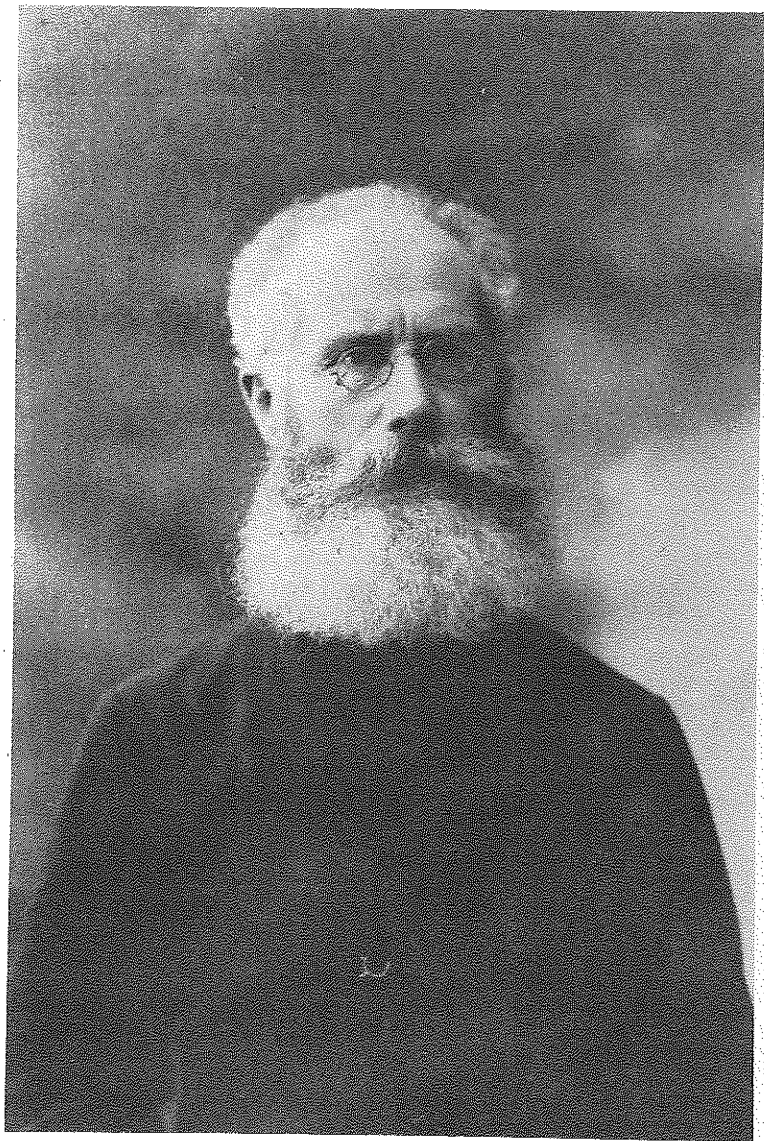


Fig. 4 — Padre Ernesto Schmitz. Nasceu em 1845 em Rheydt, Alemanha e veio para a Madeira em 1874. Foi vice-reitor do Seminário do Funchal e iminente naturalista. Foi a primeira pessoa, vivendo na Madeira, a fazer um estudo detalhado das aves das Ilhas. Encorajou outros a prosseguir estes estudos especialmente os estudantes do seminário no qual leccionou. Escreveu um largo número de artigos sobre as aves do Arquipélago da Madeira, a maioria deles no «Ornithologisches Jahrbuch» do qual este artigo é traduzido.

Morreu em Haifa em 1922.

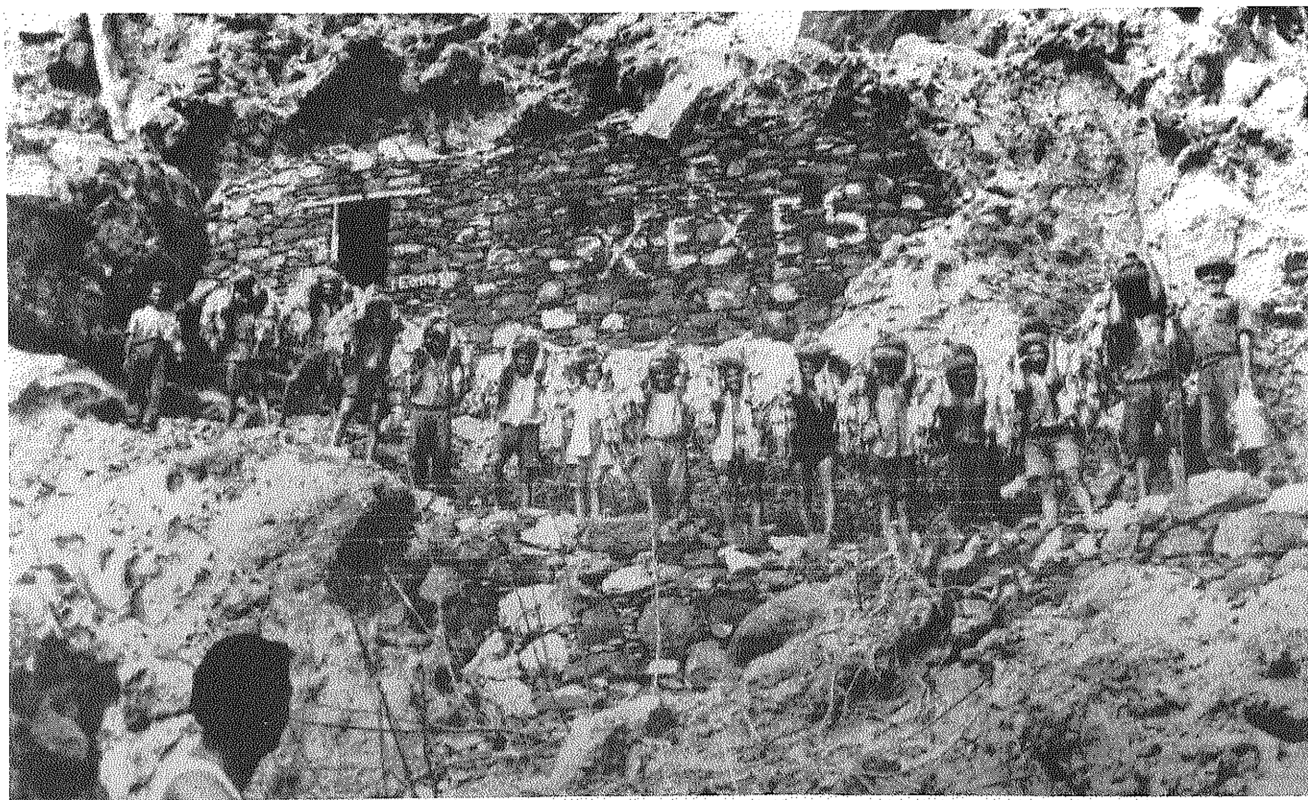


Fig. 5 — Caçadores regressando carregados com cagarras cujas penas já tinham sido tiradas. Na cabeça e aos ombros de cada homem vê-se um saco que continha penas o qual servia de almofada para a corda na qual estavam atadas cerca de 40 aves de cada lado. A maior parte das penas já tinham sido recolhidas por um homem, como descrito pelo Padre Schmitz. O homem da direita segura uma lata contendo o óleo dos estômagos das aves. Os homens estão à frente da furna na qual podiam dormir cerca de 8 homens e onde existia um ninho cujo juvenil era sempre poupado. A fotografia foi feita nos anos 50.